

Sumário: Partindo da afirmação corrente de que o Concílio Vaticano II foi “eminente pastoral”, o conferencista começa aprofundando este conceito, e afirma que esta orientação vem da nova perspectiva eclesiológica que o Concílio assumiu. E, depois de elencá-los, passa a descrever os “acentos especiais” da nova Eclesiologia: Igreja-povo de Deus, Igreja-testemunho e compromisso, Igreja-comunhão, Igreja-conversão, Igreja-missão, Igreja-carisma, Igreja pobre, Igreja em diálogo. E termina lembrando que a Eclesiologia está intimamente relacionada à Cristologia. Por isso, a Igreja é e deve ser a existência continuada de Cristo na terra, e a sua ação pastoral é o prolongamento, na história, da ação de Cristo, o Bom Pastor.

Afirma-se, e é verdade, que o Vaticano II foi um Concílio eminentemente pastoral. A partir desta constatação, procurarei responder a algumas questões.

Abstract: A basic assertion commonly in vogue about the “eminently pastoral” characteristic of the Council Vatican II is the starting point of the conference which the author analyzes in detail adding some more insights about a new ecclesiological perspective inherent in the Council. Further additional elements are described regarding different themes of Ecclesiology as the Church defined as the People of God, the Church as witness and commitment, the Church as community, the Church engaged in the task of conversion, the Church in discharge of a mission, the Church as sign of charism, the Church for the poor, the Church in dialogue. The conclusion to be drawn is the function of the Church as Christ continued activity on earth and his historical continuation as Christ the good Sheppard.

Grandes linhas eclesiológicas do Vaticano II

**Aula Inaugural do 33º Ano Acadêmico
do ITESC proferida em 21-02-2005**

*Dom Aloísio Cardeal Lorscheider**

* O conferencista, Arcebispo-emérito de Aparecida, é Doutor em Teologia.



1. O que queremos com a Pastoral?

Realizar aqui e agora, neste dado momento histórico, a missão salvífica da Igreja, continuação e prolongamento de Jesus Cristo, Salvador de todos os homens, até à sua volta no fim dos tempos.

2. Qual é mesmo a orientação pastoral do Vaticano II?

É a pastoral que, em Cristo, se renova, se rejuvenesce, atualiza-se (*aggiornarsi*) cada dia no diálogo com os homens e que, com Medellín, Puebla e Santo Domingo, se torna na América latina pastoral da evangelização libertadora e inculturada, de comunhão e participação.

É a pastoral que escuta, que vem ao encontro, que se abre às justas exigências do mundo de hoje (democracia, liberdade, personalidade, responsabilidade, respeito às livres iniciativas, sinceridade, autenticidade, justiça social, cultura, promoção do homem, progresso, diálogo, solidariedade, comunidade, desenvolvimento, direitos fundamentais da pessoa humana...) para ajudá-lo, num espírito de doação total, que é o serviço (a diakonía) dos pobres, os *anawím* de Jahvé.

É a pastoral que considera a maneira de pensar dos homens, a sua linguagem, o seu modo de vida, para apresentar o Evangelho de Jesus Cristo como a mensagem que liberta e plenifica o homem.

É a presença crítica da fé no mundo de hoje, a releitura da Palavra de Deus dentro das mudadas condições de nossos tempos.

É o caminhar da Igreja com os homens de hoje, uma Igreja que, em Cristo, se renova sem cessar e, renovada, se insere como *servidora* (Serve de Jahvé) e dialogante no mundo de hoje.

3. O que é que fundamenta esta orientação pastoral do Vaticano II?

É a *perspectiva eclesiológica* do Concílio. O Vaticano II apresenta-nos essencialmente a mesma Igreja de Jesus Cristo dos Concílios anteriores, acentuando, porém, alguns aspectos particulares que, no decurso dos tempos, ou ficaram mais esquecidos ou perderam o seu vigor na prática e reflexão pastoral.



Quais são esses *acentos especiais*? São os seguintes: Igreja-povo de Deus peregrino; Igreja-testemunha e compromisso; Igreja-comunhão; Igreja-conversão; Igreja missionária; Igreja-carisma; Igreja pobre; Igreja dialogante; Igreja profética; Igreja-comunicação.

3.1. Igreja-povo de Deus peregrino

O Vaticano II concentrou a sua atenção mais no aspecto da Igreja-mistério de salvação do que no aspecto da Igreja-instituição de salvação.

Na consideração da Igreja, sem esquecer-la como fundação de Jesus Cristo (LG 5), é preciso ter presente o seu aspecto *dinâmico*. Não se deve, portanto, ficar demasiadamente preso ao imutável na Igreja, ao institucional. Isto poderia dar uma visão de Igreja muito a-histórica, a-temporal, criando uma mentalidade estática. É fácil ficar numa Igreja como situação estabelecida no passado da Cristandade, agarrada às formas de encarnação do passado, e denominar isto *tradição*. Na realidade, a autêntica tradição é a tradição *viva*.

A Igreja, sem rejeitar o válido do passado, é um organismo *vivo*, sempre em crescimento, sempre em construção (haja vista as imagens do Corpo de Cristo, Povo de Deus, Templo do Espírito Santo, com que ela é caracterizada na revelação). Ela é, de alguma forma, sempre um *projeto*, porque deve buscar entre os homens a realização do *reino de Deus*, do qual ela é o sinal, o germe, o princípio, o instrumento no meio da humanidade, para conduzi-la à sua meta definitiva (LG 5; Puebla 227-228). Sua palavra e sua ação serão realizações parciais do Reino, trabalhando para a instauração de uma sociedade (mais) justa, fraterna e solidária, como vitória sobre o pecado, a injustiça, a opressão, no exercício de sua função profética. Esse seu trabalho levá-la-á ao conflito, à perseguição e à morte, à semelhança de seu Divino Fundador. Esta participação no destino de Jesus é uma exigência do seu seguimento (cf Mc 8,34; LG 8).

O Vaticano II situou a Igreja, em sua missão evangelizadora, na dimensão da *história* dos homens, de modo a que se entendesse melhor o nexos de sua existência como o desenvolvimento do plano salvífico de Deus no mundo, em ordem à construção do Reino.

A Igreja é, *na história*, o acontecer da salvação como proposta de Deus e resposta dos homens. Ela não se pode considerar jamais definitivamente construída e acabada. Ela é um acontecimento sempre novo do Espírito de Cristo entre os homens.



3.2. Igreja-testemunho e compromisso

A atenção da Igreja dirige-se, hoje, com insistência particular, à dignidade da pessoa humana como ser livre e consciente, em sua totalidade de corpo e alma.

É necessário, porém, manter sempre o equilíbrio entre o institucional, o sociológico, o jurídico, o ritual, o externo, e o estado real de intimidade religiosa dos fiéis; entre a estrutura eclesial e a co-responsabilidade eclesial; entre a agregação batismal à Igreja e as garantias de desenvolvimento cristão do batizado. Deve prevalecer um cristianismo *vivo* a um cristianismo oficial, uma Igreja de salvação a uma religião de ritos, um Povo de Deus a uma Massa cristã. É o equilíbrio entre o *opus operatum* e o *opus operantis*.

O sinal que visibiliza a Igreja não deve ser tanto o número de batizados quanto a existência de uma comunidade de pessoas convertidas a Deus e ao testemunho cristão.

A adesão à Igreja deve ser pessoal, livre, responsável, de compromisso. A fé só é autêntica se for um encontro pessoal com Cristo na intimidade da consciência do fiel.

Para a edificação autêntica da Igreja, é insuficiente a manutenção de uma situação de fé entendida *só* como reconhecimento doutrinal das verdades da fé católica. *A fé não é cultura; ela é conversão*. Ela deve estar informada pela caridade (cf Gl 5,6). É necessário formar sempre comunidades imbuídas de zelo apostólico (cf Sínodo de 1971, *O ministério sacerdotal*, 8 d).

Nesta linha personalista da fé cristã, há toda uma revisão da prática dos sacramentos a ser feita. Eles são tanto mais eficazes quanto mais forem profissões de fé. Sacramento e Palavra, culto e missão, liturgia e ação, rito e conversão, devem aparecer sempre mais inseparáveis no processo de edificação da comunidade cristã. A prática *freqüente* dos sacramentos deve comprovar-se por uma prática *intensa* da vida cristã, iluminada e vivificada pela fé.

A Igreja do Vaticano II orienta-se para a salvação do homem todo, corpo e alma, eternidade e história, e não só para a salvação das almas. Não é, portanto, só o espiritual ou só o social, mas os dois aspectos unidos que devem ser salvos em Cristo.



3.3. Igreja-comunhão

Uma terceira acentuação na visão de Igreja do Vaticano II é a abertura à *comunidade*, a abertura ao *comunitário* como forma de viver a vida cristã. É o oposto ao individualismo, individualismo “rastejante”, na expressão de João Paulo II (cf *Laborem Exercens*, 21).

Existir em comunidade é exigência da fé cristã. A fé só se vive em comunidade, e a salvação nos chega enquanto membros de um povo eleito, conforme nos lembra o Concílio: “Aproveu contudo a Deus santificar e salvar os homens não isoladamente, sem nenhuma conexão uns com os outros, mas constituí-los num povo, que o conhecesse na verdade e o servisse santamente” (LG 9).

O essencial do mistério da Igreja é ser ela uma *comunhão* com o Pai por Cristo no Espírito Santo, e viver em comunhão fraterna como sinal da comunhão com Cristo. A Igreja é salvação e graça, é missão e testemunho de comunhão. É aqui que se coloca a reflexão e a consequência prática da co-responsabilidade, colegialidade, subsidiariedade, participação.

3.4. Igreja-conversão

A chave do sentido da renovação da Igreja conforme o Vaticano II está no fato de a Igreja ser o *sacramento universal de salvação* (cf LG 48; GS 45). A renovação, portanto, não pode ficar apenas na revisão das estruturas eclesiais relacionadas com os sinais institucionais da Igreja. A renovação mais profunda do Povo de Deus está na linha da purificação dos sinais evangélicos: correspondência e fidelidade da vida dos cristãos aos imperativos do Evangelho. *Estruturas* e *vida* codicionam-se mutuamente. De ambas depende o poder de atração e de visibilidade do sinal salvífico da Igreja.

A Igreja deve fazer *milagres*, isto é, sinais que tornem a evangelização crível e mais eficiente. Ora, o maior milagre, o maior sinal a realizar hoje é o do testemunho da caridade total, da doação total, do testemunho de uma Igreja pobre, servidora, disponível, libertadora, evangelicamente inculturada.

A renovação conciliar implica conversão das consciências, transformação de mentalidades no sentido de um catolicismo mais bíblico, missionário, personalista e comunitário, dinâmico e encarnado, serviçal



e solidário, empenhado na convivência com os homens sem renunciar à comunhão com Deus, um cristianismo onde o rito seja vida.

3.5. Igreja-missionária

Uma Igreja que anuncia alegremente ao homem de hoje que ele é filho de Deus em Cristo, uma Igreja que se compromete com a libertação “do homem todo e de todos os homens” (o serviço da paz e da justiça é um ministério essencial da Igreja), e se insere solidária na atividade apostólica em todo o mundo, em estreita comunhão com o sucessor de Pedro: eis outro aspecto ressaltado pelo Vaticano II e, posteriormente, desenvolvido em outros momentos eclesiais (cf Puebla, 1304).

A Igreja realiza esta sua tarefa por um esforço intra e extra eclesial. É o serviço da hierarquia e fiéis à edificação da Igreja; é o serviço à unidade cristã; é o serviço à conversão dos que ainda não crêem; é o serviço à promoção do homem e da sociedade; é o serviço em prol da justiça.

Igreja missionária é aquela que ajuda a construir uma nova sociedade em total fidelidade a Cristo e ao homem, no Espírito Santo. Uma Igreja que denuncia as situações de pecado, que chama à conversão e compromete os fiéis na ação transformadora do mundo (cf Puebla, 1305).

Há hoje um *estilo novo* na Igreja: o estilo do diálogo, da valorização e do respeito pela pessoa humana, de cooperação com todos para o bem da verdade, para a liberdade e a justiça, para o progresso e a paz. O Vaticano II abriu-se à dimensão das realidades temporais, da política, do social, do progresso, da cultura, da paz e da guerra, da economia, da promoção do homem e do desenvolvimento dos povos, da libertação integral.

A Igreja do Vaticano II se situa e opera no mundo, não como organização isolada e rival de outras organizações, mas como *fermento evangélico* inserido no coração da humanidade.

A obra da redenção de Cristo, se bem que tenda de per si a salvar os homens, propõe-se também a restauração de toda a ordem temporal. Portanto, a missão da igreja não consiste só em levar aos homens a mensagem de Cristo e sua graça, senão também em penetrar de espírito evangélico as realidades temporais, e aperfeiçoá-las (AA 5; Sínodo 1971, *O ministério sacerdotal*, 8 a; GS 38). O Cristo Ressuscitado, pelo poder do seu Espírito opera nos corações de todos os homens. Não só desperta



o desejo da vida futura, mas anima, purifica e fortalece também aquelas aspirações generosas com as quais a família humana se esforça por tornar mais humana a sua própria existência e submeter a terra inteira a este fim.

Entretanto, há três mal-entendidos que podem desvirtuar ou desfigurar este princípio-chave. São eles: o espiritualismo, o temporalismo, e a politização da Igreja.

3.5.1. O espiritualismo

Ele tem diante de si a imagem de uma Igreja fechada na sacristia. Ora, a Igreja não se pode dissociar da vida do mundo. Trata-se de levar as almas para o céu, mas não só: trata-se *também* de tornar o homem mais humano e a terra mais habitável. A nossa pastoral tem que buscar necessariamente também o bem temporal do homem, sem contudo perder de vista o bem eterno.

3.5.2. O temporalismo

O cristianismo não se pode reduzir a um sistema político, social ou econômico. Seria outro equívoco. O cristianismo é uma mensagem de salvação para a vida eterna. O cristianismo é um fato religioso, se bem que envolvendo toda a vida humana nos seus diferentes matizes. À Igreja como Igreja não compete fazer uma civilização, destronar governos, instaurar novos regimes políticos. Esta é a missão e o compromisso da comunidade humana, da qual também os cristãos fazem parte como fermento evangélico. Deve-se respeitar o *princípio da secularidade*.

Os cristãos não podem dedicar-se de tal modo ao temporal que percam de vista o eterno; não podem entregar-se com tal afinco às reivindicações sociais que descuidem de buscar e compartilhar além do pão do mundo a palavra de Deus e o pão do céu; não podem servir de tal modo ao homem que percam os vestígios de Cristo.

3.5.3. A politização da Igreja

A Igreja, precisamente porque deve anunciar e testemunhar diante dos homens Jesus Cristo, Salvador de todos, não pode *politizar-se*, isto é, engajar-se na luta partidária da política. Isto, porém, não significa que a Igreja não se deva politizar de forma nenhuma. Ela não pode despolitizar-se quando se trata de valores cristãos fundamentais, como por exemplo, o reconhecimento dos direitos da pessoa humana, ou quando está em jogo a salvação da pessoa. A Igreja não poderá jamais concordar com um



estado de coisas anti-evangélicas. Se tal situação houver, a Igreja deverá falar e promover a purificação e transformação das estruturas.

“A ação pela justiça e a participação na transformação do mundo são uma dimensão constitutiva da pregação do Evangelho, isto é, da missão da Igreja em prol da redenção e da libertação do gênero humano de todas as situações opressivas (Sínodo de 1971 sobre a justiça no mundo, introdução, 6).

A linha pastoral da igreja segue *hoje* a tendência de um desenvolvimento mais intenso da responsabilidade social e política do povo de Deus, não para assegurar privilégios ou apoio do braço secular, mas para cumprir a sua missão evangelizadora. A pastoral do Vaticano II, portanto, não é uma pastoral de segregação, mas de *co-participação profunda da condição humana*, na qual estão inseridos todos os membros do povo de Deus.

3.6. Igreja-carisma

O Vaticano II, mais do que qualquer outro Concílio, acentuou a *ação do Espírito Santo*. A Igreja é acima de tudo obra do Espírito Santo. É ele a energia divina que a trabalha por dentro. O Espírito Santo a renova constantemente. É ele que renova sempre de novo a face da terra. É Ele o Espírito da Verdade, que, no decurso dos tempos, guia a Igreja à verdade total (cf Jo 16,13). Por isso, a grande importância dada neste Concílio aos *carismas* do povo de Deus, ao *sensus fidei* (sentido da fé) do povo cristão. É uma Igreja que *nasce*, como resposta, *do povo de Deus*, mas *por ação do Espírito Santo*.

3.7. Igreja pobre

Como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a *palmilhar o mesmo caminho*, para comunicar os frutos da salvação às pessoas. Jesus Cristo, *estando na forma de Deus... aniquilou-se a si mesmo, assumindo a forma de servo* (Fl 2,6-7) e, por causa de nós, *tornou-se pobre, embora fosse rico* (2Cor 8,9). Assim a Igreja, se bem que para cumprir a sua missão tenha necessidade de bens humanos, não foi instituída para buscar a glória terrena, mas para divulgar a humildade e a abnegação também por meio de seu exemplo.

Cristo foi enviado pelo Pai *para evangelizar os pobres... curar os contritos de coração* (Lc 4,18), *buscar e salvar o que perecera* (Lc 19,10):



da mesma forma a Igreja abraça com amor todos os aflitos pela fraqueza humana e, ainda mais, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu Fundador pobre e sofredor, esforça-se por mitigar-lhes a pobreza e neles servir a Cristo (LG 8).

Nesta passagem do Vaticano II, texto fundamental para focalizar a pobreza da Igreja, ainda não se sente a profética opção preferencial e solidária pelos pobres, embora se manifeste o empenho que a Igreja deve ter junto dos pobres e apresentar o rosto de uma Igreja pobre. Estamos em outra visão que não a de Medellín, Puebla e Santo Domingo.

3.8. Igreja dialogante

Não mais uma Igreja que polemiza, discute, mas uma Igreja que se comunica e expõe o seu pensamento, dando simplesmente testemunho de sua fé. Deus dá-nos o exemplo. Ele tomou a iniciativa: *Amou-nos por primeiro* (1Jo 4,10). Nós cristãos também devemos tomar a iniciativa em nosso encontro com os homens e não esperar que eles venham e nos chamem para o diálogo. Devemos testemunhar Cristo no mundo, entrando assim em diálogo com toda a humanidade. *O anúncio do Evangelho é o início de nosso diálogo com o mundo.*

O diálogo será sem limites e sem cálculos, não se pode proporcionar aos méritos dos interlocutores, nem aos resultados que se pretendem conseguir. A nossa missão é propor, não impor. É preciso oferecer o dom salvífico só pelo caminho legítimo da educação humana, da persuasão interior e do trato ordinário, respeitando sempre a liberdade pessoal e civil. Deve recomeçar cada dia e recomeçar do nosso lado, não do lado do outro a quem nos dirigimos.

No diálogo devem andar, unidos, verdade e caridade, inteligência e amor. Aliás, é em quatro direções que o diálogo se processa: 1) com os irmãos das outras denominações cristãs; 2) com os judeus; 3) com as pessoas de outras religiões; 4) com as pessoas que não têm fé alguma, os chamados ateus.

Conclusão

Sintetizando toda a eclesiologia do Vaticano II, devemos dizer o seguinte: A constituição da Igreja não foi mudada. A constituição dada por Jesus Cristo foi a da Igreja fundada sobre Pedro e os demais Apóstolos, tendo como sucessores o papa e os bispos espalhados pelo mundo. Essa



constituição permanece *imutável* até o fim dos tempos. É a constituição apostólica da Igreja.

Quando se fala hoje de *nova imagem* da Igreja, entende-se a acentuação de aspectos eclesiais pouco acentuados ou quase esquecidos na eclesiologia anterior ao Vaticano II. A eclesiologia anterior era dominada pela idéia de *sociedade perfeita* (idéia belarminiana, desejando marcar a visibilidade da Igreja e sua autoridade), e pela idéia de *Corpo Místico*, sobretudo após a encíclica *Mystici Corporis* de Pio XII (29 de junho de 1943), na qual o papa identificava o Corpo Místico de Cristo com a Igreja católica romana.

Retomando o que foi dito, a eclesiologia do Vaticano II trouxe à tona os seguintes aspectos: 1) *comunhão*, não democracia; 2) *Povo de Deus*, imagem privilegiada na *Lúmen Gentium*; 3) Igreja *pneumática-carismática*: acentuando a presença do Espírito Santo e dos carismas; 4) Igreja *ecumênica*: solícita pela busca da unidade; 5) Igreja *missionária*: a missionariedade é essencial; 6) Igreja *histórica*: peregrina na história dos homens; 7) Igreja *sacramental*: a Igreja é “sacramento universal de salvação”; 8) Igreja *escatológica*: não temos aqui cidade permanente, mas *caminhamos em vista da cidade futura* (Hb 13,14).

O Vaticano II fez-nos passar de uma Igreja-instituição, de uma Igreja sociedade-perfeita, para uma Igreja-comunidade, inserida no mundo a serviço do Reino de Deus; de uma Igreja-poder para uma Igreja pobre, despojada, peregrina; de uma Igreja-autoridade (sentido civil) para uma Igreja serve, servidora, ministerial; de uma Igreja piramidal para uma Igreja-povo; de uma igreja pura e sem mancha, para uma Igreja “santa e pecadora”, sempre necessitada de conversão e de reforma; de uma Igreja-cristandade para uma Igreja-missão, uma Igreja toda missionária.

Enfim, como Eclesiologia e Cristologia relacionam-se intimamente, concluamos reafirmando que a Igreja é a existência continuada de Cristo, e a sua ação pastoral é o prolongamento, na história, da ação de Cristo, o Bom Pastor.

Endereço do Autor:

Av. Juca Batista, 330 – Ipanema
91770-000 Porto Alegre, RS
Caixa Postal 2.330 (CEP 90001-970)